

AS ENTREVISTAS CLÍNICAS EM UMA ESCOLA DO CENTRO DE SÃO PAULO: ESTUDO DE CASO

FONSECA PS, SALOMÃO T, FREIRE RM

PUCSP

Descritores: Intervenção breve, Entrevistas Clínicas de Orientação Psicanalítica, Escolarização

INTRODUÇÃO

Trata-se de um estudo de caso, realizado em uma escola municipal de ensino fundamental do centro da cidade de São Paulo, em área de grande vulnerabilidade

OBJETIVO

O objetivo deste estudo de caso é apresentar a experiência realizada com um aluno e seus efeitos.

MÉTODO

Um aluno, João, com 8 anos, nomeado “criança-problema” pelo professor, passou por 4 entrevistas clínicas de orientação psicanalítica (Santiago, 2000), em atendimento individual. O objetivo dessa intervenção breve, dialógica, é investigar se a dificuldade de aprendizagem é um sintoma e qual seria, considerando a diversidade que pode ser observada na escola: inibição, angústia, agitação, falta de atenção, atuação, entre outros.

A apreensão do caso se sustenta sobre o suporte teórico da psicanálise de vertente lacaniana, analisando fragmentos dos dizeres dos quais iremos apresentar uma síntese de cada entrevista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1ª entrevista - Fizemos letras de massinha, escrevemos Rafael e ele reconheceu cada letra, mas não leu o nome. Em seguida, ele aproveitou a massinha para fazer figuras disformes e nomeá-las: carimbo, barco, caixa, bolinha, biscoito, ele mesmo, aranha... um discurso sem encadeamento ou pausas significativas.

Em um momento, coloca três pedaços de massinha, um ao lado do outro, e aponta para o da ponta, perguntando “o que protege?” e ele mesmo responde animado “sou eu!”. Em seguida, junta tudo e diz: “fusão”. Ao se despedir pede para levar um pedaço de massinha e trazer da próxima vez, o que entendemos como levar um pouco do vivido ali para casa e garantir o próximo encontro. A massinha é o fio que amarra. 2ª entrevista - João vem cuidadoso com a massinha enrolada em papel e se desculpa: “minha casa é muito gelada, a massinha ficou dura”. E repete a dinâmica da primeira entrevista pedindo que adivinhemos determinadas figuras, feitas em desenho, e vai em um sem fim, até propormos que ele desenhe alguém que goste muito. Ele desenha sua irmã Jane.

É a mesma cabeça dos desenhos anteriores, mas ele modifica o cabelo. E diz: “minha irmã só tem 7 anos, sou bem mais melhor que ela”. Pontuamos que sim, existe diferença entre eles. Não são iguais. Ele continua o desenho e, ao chegar o momento do corpo diz: “corpo de menina eu não sei não, mas eu sei sim desenhar a minha irmã”. Nesses momentos ele silencia, dizendo alguma frase curta, relacionada ao conteúdo do que registrava - bem diferente do jeito do seu discurso livre, que sem o apoio do registro vai deslizando erráticamente. Como na 1ª entrevista, com relação a representação do amigo, João ressaltou que o cabelo de sua irmã era diferente.

3ª entrevista - Hoje João chegou mais organizado, parece feliz e orgulhoso. Tem um saber, pode falar de si, e pode nos ensinar. “Verde mais azul é azul raro”, continua ele em seus experimentos. Naquilo em que já pode imprimir a sua marca, sua autoria, sua individualidade: suas pinturas. 4ª entrevista - o significante dor, reaparece em outras palavras: “circulador”, “guardador”. Perguntamos que dor é essa. E João soube localizá-la em seu próprio corpo, além de contar, com maior desenvoltura, sobre sua família e as dificuldades. Ele termina a 4ª entrevista, criando um abraço de três, entre nós, uma “toca” para ele. Se despede devolvendo a massinha endurecida que esqueceu no leva e traz da sessão anterior. Não precisa mais dela, já experimentou sua própria plasticidade. Ao mesmo tempo em que pode criar um laço. Sabemos mais tarde, por sua avó, que João está em tratamento em um CAPS. Mas como vimos antes, isso não parece ser uma questão para sua professora, que ali em uma primeira impressão nos pareceu acolher a todos igualmente, “são 30 alunos”..... os seus alunos. E talvez essa seja a forma mais justa e possível de falar de inclusão (o lugar social da criança é na escola).

CONCLUSÃO

Conclui-se que João, além de apresentar entraves na alfabetização, também manifestava questões de ordem psíquica que foram confirmadas.

A experiência das Entrevistas Clínicas de Orientação Psicanalítica na escola traz a possibilidade de promover um giro na posição que esses alunos assumem dentro do contexto escolar. A partir da transferência, João fala de si e de seus impasses, enfrentando-os de forma discursiva e se reposicionando subjetivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Santiago, Ana Lydia. Assis, Raquel. O que esse menino tem? Editora Sintoma. 2015.